

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JAMYLA DA SILVA SOMACAL GRANDO

**METODOLOGIAS PARA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NA SALA DE AULA REGULAR**

**Tramandaí
2022**

JAMYLA DA SILVA SOMACAL GRANDO

**METODOLOGIAS PARA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NA SALA DE AULA REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia EaD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Gabriela Brabo

Tramandaí

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Jamyla da Silva Somacal, Grando
METODOLOGIAS PARA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NA SALA DE AULA REGULAR / Grando
Jamyla da Silva Somacal. -- 2022.
40 f.
Orientadora: Gabriela Maria Barbosa Brabo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Inclusão. 3.
Metodologias inclusivas de ensino. I. Brabo, Gabriela
Maria Barbosa, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JAMYLA DA SILVA SOMACAL GRANDO

**METODOLOGIAS PARA INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA NA SALA DE AULA REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão de Graduação do curso de Licenciatura em Pedagogia EaD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Profa. Dra. Gabriela Brabo

Data de aprovação: (dia, mês e ano)

Banca examinadora:

Profa. Dra. Gabriela Maria Barbosa Brabo (orientadora) - UFRGS

Profa. Dra. Mariângela Kraemer Ziede

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu marido Joel que me deu todo o apoio e incentivo nas horas difíceis, por entender que por muitos finais de semana precisei me dedicar aos estudos.

Sou imensamente grata também aos meus filhos Emanuelle e Gustavo, que compreenderam minha ausência neste período.

A meus pais, por sempre me apoiarem nas decisões que tomo.

Meus mais sinceros agradecimentos à professora Gabriela Brabo, pois sem ela a realização deste trabalho seria inviável. Obrigada pelo incentivo, pela paciência e, principalmente, por dividir comigo seu imenso conhecimento. A você, minha eterna gratidão.

Por fim, agradeço a Deus por ter me dado força e coragem para realizar o sonho de me formar professora e conseguir concluir o trabalho de final de curso.

É preciso ter esperança. Mas tem de ser esperança do verbo esperar. Porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. Esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. 'Ah, eu espero que melhore, que funcione, que resolva'. Já esperar é ir atrás, é se juntar, é não desistir. É ser capaz de recusar aquilo que apodrece a nossa capacidade de integridade e a nossa fé ativa nas obras. Esperança é a capacidade de olhar e reagir àquilo que parece não ter saída. Por isso, é muito diferente de esperar; temos mesmo é de esperar!

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma pesquisa sobre metodologias de ensino que promovam a real inclusão dos alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) dentro da sala de aula comum. O estudo visou responder os questionamentos: como incluir a criança com Transtorno de Espectro Autista em classe comum? E que medidas podemos tomar para garantir essa inclusão? Para tanto, o Objetivo Geral consistiu em identificar metodologias educacionais e estratégias pedagógicas desenvolvidas em classe comum para a inclusão alunos com diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista. Como objetivos específicos, temos: identificar os principais obstáculos encontrados quanto à inclusão dos referidos alunos em classes comum, indicar alternativas pedagógicas no espaço escolar que auxiliem no aprendizado e desenvolvimento dos alunos com TEA, e contribuir para a pesquisa sobre o Transtorno do Espectro Autista. O referencial teórico adotado baseou-se em Mantoan, Vygotsky, Paulo Freire, dentre outros autores. Através do estudo de caráter qualitativo bibliográfico, promoveu-se a análise de dados pautada nas ideias centrais de autores que discutem: TEA, educação e inclusão. Para a realização da pesquisa, os instrumentos utilizados foram o diário de anotações, levantamento bibliográfico e estado da arte. Durante a realização da pesquisa, foi possível identificar a existência de práticas pedagógicas para a inclusão do alunos com Transtorno do Espectro Autista na sala de aula comum, bem como a importância da utilização da tecnologia e a brincadeira para o desenvolvimento desses alunos. Verificou-se também a importância de professores capacitados e aptos a compreender as necessidades de seus alunos, construindo caminhos necessários para sua aprendizagem, e a importância da formação continuada dos profissionais da educação para que possam garantir a plena inclusão desses alunos.

Palavras Chave: Inclusão. Metodologias inclusivas de ensino. Transtorno do Espectro Autista.

SUMMARY

The present work presents a research on teaching methodologies that promote the real inclusion of students diagnosed with Autistic Spectrum Disorder (ASD) within the common classroom. The study aimed to answer the questions: how to include the child with Autistic Spectrum Disorder in a regular class? And what steps can we take to ensure that inclusion? To this end, the General Objective consisted of identifying educational methodologies and pedagogical strategies developed in a common classroom for the inclusion of students diagnosed with Autism Spectrum Disorder. As specific objectives, we have: to identify the main obstacles encountered regarding the inclusion of these students in common classes, to indicate pedagogical alternatives in the school space that help in the learning and development of students with ASD, and to contribute to research on Autistic Spectrum Disorder. The theoretical framework adopted was based on Mantoan, Vygotsky, Paulo Freire, among other authors. Through a qualitative bibliographical study, data analysis was carried out based on the central ideas of authors who discuss: ASD, education and inclusion. To carry out the research, the instruments used were the note diary, bibliographical survey and state of the art. From the researched bibliography, it was possible to identify the existence of pedagogical practices for the inclusion of students with Autistic Spectrum Disorder in the common classroom, as well as the importance of using technology and playing for the development of these students. It was also verified the importance of teachers trained and able to understand the needs of their students, building the necessary paths for their learning, and the importance of continuing education for education professionals so that they can guarantee the full inclusion of these students.

Keywords: Inclusion. Inclusive teaching methodologies. Autistic Spectrum Disorder.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 METODOLOGIA.....	15
3 ESTADO DA ARTE.....	17
4 REVISÃO TEÓRICA.....	23
4.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	23
4.2 O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	25
4.3 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A EDUCAÇÃO.....	27
5 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS DE ENSINO PARA O ALUNO COM TEA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA.....	30
5.1 USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO DE ALUNOS COM TEA.....	31
5.1.1 TECNOLOGIA ASSISTIVA.....	32
5.1.2 COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA AUMENTATIVA (CAA).....	33
5.2 O BRINCAR NA INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA.....	34
5.2.1 BRINCAR E A AQUISIÇÃO DE COMPETÊNCIAS SOCIAIS.....	35
6 CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Jamyla, nasci em 12 de abril do ano de 1983, morro na cidade de Serafina Corrêa. Sou casada há 16 anos, tenho dois filhos que são a razão do meu viver — a mais velha, Emanuelle que tem 11 anos, e o pequeno Gustavo que tem 7 anos. Sou graduada no curso de Processos Gerenciais, pela Univates

Nunca tive contato com o mundo da Educação, sempre trabalhei com números, mas sempre tive o sonho de fazer a faculdade de Pedagogia. Com o tempo, a gente acaba se acomodando e deixando alguns sonhos no esquecimento. Então, vi no curso de Pedagogia EaD da UFRGS, uma das universidades mais renomadas do Brasil, a oportunidade de realizar esse sonho.

No começo do curso, me assustei um pouco, pois não tinha nenhum conhecimento ou ideia de como é a realidade de um professor dentro de sala de aula. Minha experiência era somente o que eu já tinha vivenciado no dia a dia da minha filha na Educação Infantil. Com o passar dos semestres, as dúvidas foram clareando, com muito estudo e muitas pesquisas, e o amor por essa linda profissão só foi aumentando.

Minha escolha do tema de TCC sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) — e as dificuldades de uma real inclusão de alunos que apresentam esse transtorno na escola regular — provém não somente da teoria que estudamos no decorrer do curso, mas também da realidade vivenciada dentro de minha família. Meu primo tem um filho que hoje está com 4 anos e tem TEA, e encontra muitas dificuldades para que ele seja realmente incluído dentro da sala de aula da educação regular.

O filho do meu primo tem TEA considerado leve. Ele apresenta dificuldades de socialização, ele tem hiperlexia e aprendeu a ler sozinho, mas sua fala dele é bem limitada. A escola de Educação Infantil onde ele estudava pediu que a família o matriculasse em uma instituição especializada. Meu primo procurou seus direitos garantidos por lei e matriculou o pequeno em outra escola de Educação Infantil, no município de Montenegro. Lá, os direitos de seu filho estão sendo respeitados, e ele está sendo incluído em classe comum.

Com a realização do estágio obrigatório, meu interesse por esse tema só aumentou. Na escola onde estagiei em Educação Infantil havia duas crianças com diagnóstico de TEA. Uma delas apresenta um grau severo do transtorno — não fala;

usa fraldas; não sabe usar o banheiro; ainda não segura o lápis para escrever. Costuma levar tudo o que pega até a boca. Necessita de atenção especial, pois às vezes se joga no chão ou bate a cabeça na parede. Ela pertence à mesma turma de alunos desde o início, e é visível o amor que os colegas têm por ela. Por outro lado, é evidente que eles a tomam por um bebê que não fala e não come sozinho. A professora da turma tem trabalhando para mudar essa visão das crianças, no sentido de que entendam e respeitem suas singularidades, mas olhem-na como uma criança que possui a mesma faixa etária delas.

Assim, escolhi esse tema de pesquisa para poder compreender melhor os processos inclusivos de crianças público-alvo da Educação Especial, em especial aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Entendo que incluir vai muito além da simples presença dessas crianças em sala de aula. Consiste também em desenvolver suas habilidades, superar suas dificuldades e fazer com que elas se sintam realmente parte da turma e acolhidas pela escola.

1 INTRODUÇÃO

Por acreditar que a inclusão não significa apenas colocar um aluno com deficiência dentro da classe comum, mas sim, ser um movimento que requer criar situações para que esse aluno, assim como os demais, consiga desenvolver as suas competências físicas e intelectuais, afetivas e psicológicas, é que me propus investigar e refletir sobre esse tema ao longo desta pesquisa.

O presente trabalho buscou investigar e dissertar sobre o direito à inclusão dos alunos público-alvo da Educação Especial, em especial as crianças que possuem Transtorno de Espectro Autista, com base na convicção de não ser justa nem favorável a esses alunos a inserção num tipo de ensino em que sejam separados de suas turmas. Tal situação se distancia muito do ideário da inclusão e contribui para a exclusão e discriminação desses alunos dentro da própria sala de aula, prejudicando assim tanto sua aprendizagem quanto seu convívio social.

A Educação Inclusiva é um paradigma educacional que preza pela equiparação de oportunidades educativas para todos os alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e proporcionando aos alunos com deficiência desenvolverem-se como parte integrante da sociedade à qual eles pertencem. Para que o processo inclusivo seja uma realidade concreta, é fundamental que se implementem ações no sentido de acolher as diferenças e promover o acesso a todos os alunos no ambiente escolar.

A inclusão escolar no Brasil é pautada em direitos e garantias que as pessoas com deficiência vêm conquistando ao longo dos anos. A Lei nº 13.146 – Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência (LBI), em seu Capítulo IV, aborda o direito à educação, com base na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), educação esta que deve ser inclusiva e de qualidade em todos os níveis de ensino. Assim, visa garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e recursos de acessibilidade que eliminem barreiras de quaisquer tipos.

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é outro direito que também está contemplado na LBI, mas que já foi previsto na Constituição Brasileira (1988). Entre várias medidas, os alunos com TEA são reconhecidos como pertencentes ao grupo de crianças público-alvo da Educação Especial, que detêm o direito ao AEE, pois demandam metodologias de ensino-aprendizagem individualizadas.

O acesso à educação na perspectiva inclusiva é resultado de políticas que garantem os direitos educacionais de alunos com deficiência. Cabe aos professores e às escolas assegurarem que esse direito seja respeitado. A escola inclusiva demanda a superação de obstáculos impostos pelo sistema regular de ensino que, por muitas vezes, é falho no que diz respeito ao atendimento desses alunos.

Em um contexto social onde a educação vem sendo um direito de poucos, as crianças com Transtorno do Espectro Autista, assim como as demais com deficiências, têm sido historicamente excluídas do ensino regular. Com a criação de políticas públicas que visam garantir o ingresso das crianças com deficiências em classes comuns, mudanças significativas começam a acontecer nas instituições de ensino. No entanto, ainda é comum, para crianças com TEA e familiares, a necessidade de reafirmar o direito e reivindicar práticas pedagógicas que atendam suas necessidades.

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 1% da população mundial — ou uma em cada 68 crianças — apresenta TEA. A OMS descreve o TEA como um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e o comportamento, e que pode ser diagnosticado em qualquer idade, sendo que comumente essa condição é detectada na infância, pois é quando os primeiros sintomas surgem. O TEA, como o próprio nome diz, é um espectro, isso significa que cada pessoa com TEA experimenta diferentes combinações de traços, em diferentes intensidades.

Neste estudo, além de investigar a produção intelectual sobre o tema, procurou-se também retratar o histórico do movimento pela escola inclusiva, discutindo sobre a reorganização da Educação Especial e refletindo sobre a importância de uma formação docente que contribua para o desenvolvimento de uma educação que respeite a diversidade, e proporcione uma real inclusão aos alunos com TEA.

Nos dias atuais, ainda existe uma falta de informação sobre o que deve ser feito ou não quando se têm em sala de aula alunos com Transtorno de Espectro Autista. O desconhecimento sobre esse transtorno e suas manifestações tem dificultado sua inclusão nas escolas regulares, o que os impede de desfrutarem de um ensino de qualidade, fazendo com que não desenvolvam totalmente suas habilidades cognitivas, ocasionando a eles problemas sociais, isolamento, depressão, baixo rendimento escolar e, até em certos casos, agressividade.

De acordo com Paiva (2012), informação é a melhor arma contra o preconceito. Nesse ponto, o fato de o aluno com TEA não apresentar nenhuma característica física que possa deixar claro a todos que se trata de alguém com transtorno, como acontece, por exemplo, com quem tem Síndrome de Down ou alguma grave deficiência física, pode contribuir ou não para o preconceito em torno dele, acompanhado de receio pela imprevisibilidade de sua conduta.

Dentre as principais ideias deste trabalho, está a necessidade real de cada vez mais incluir pessoas com deficiência, em especial as crianças que apresentam Transtorno de Espectro Autista, na sociedade em que vivem. Cabe à escola não só se adequar, mas promover a inclusão, partindo inicialmente da reestruturação do ambiente educacional onde devem-se prever metodologias que contemplem todos os alunos e flexibilizações no processo de ensino-aprendizagem das crianças com TEA. Para tanto, faz-se necessário um preparo adequado e contínuo do profissional da educação, para que possa inserir, de fato, todos os alunos, com ou sem deficiência.

No que diz respeito às manifestações comportamentais de crianças com TEA, deve-se considerar que apresentam uma variedade combinada de comportamentos de diferentes gradações e intensidades. Por exemplo, podem ir desde um contato afetivo insistente com algumas pessoas até o próprio autoisolamento. Em situações limite, chegam ao extremo de comportamentos de auto e heteroagressividade, seja por não quererem fazer o que se espera delas, seja porque os estímulos externos as perturbem, seja por motivos não facilmente identificados pelo professor.

Por todas estas questões, surge o questionamento: como incluir a criança com Transtorno de Espectro Autista em classe comum? E que medidas podemos tomar para garantir essa inclusão?

A fim de responder tais perguntas, a presente pesquisa teve por objetivo geral identificar metodologias educacionais e estratégias pedagógicas desenvolvidas em classe comum para a inclusão alunos com diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista. Como objetivos específicos, temos: identificar os principais obstáculos encontrados quanto à inclusão dos referidos alunos em classes comum, indicar alternativas pedagógicas no espaço escolar que auxiliem no aprendizado e desenvolvimento dos alunos com TEA, e contribuir para a pesquisa sobre o Transtorno de Espectro Autista.

A seguir, descrevo como serão apresentados os capítulos seguintes: capítulo 2 Metodologia, onde será feito o delineamento de pesquisa e instrumentos utilizados;

no capítulo 3, o estado da arte, onde apresento os trabalhos que foram utilizados como base para o desenvolvimento da presente pesquisa; capítulo 4, a revisão teórica, trazendo o conceito de Transtorno do Espectro Autista, as leis e a importância do professor na inclusão do aluno com TEA dentro da sala de aula comum; no capítulo 5, serão abordadas metodologias que podem ser utilizadas para auxiliar o aprendizado dos alunos com TEA; e no capítulo 6, faço as considerações finais.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi pautada na seguinte pergunta: Como incluir a criança com Transtorno de Espectro Autista em classe comum?

— Objetivo Geral:

- Identificar metodologias educacionais e estratégias pedagógicas desenvolvidas em classe comum para a inclusão alunos com diagnóstico de Transtorno de Espectro Autista.

— Objetivos Específicos:

- Identificar os principais obstáculos encontrados quanto à inclusão dos referidos alunos em classes comuns,
- Indicar alternativas pedagógicas no espaço escolar que auxiliem no aprendizado e desenvolvimento dos alunos com TEA,
- Contribuir para a pesquisa sobre o Transtorno de Espectro Autista.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que visa buscar entender e descrever fenômenos sociais. Segundo Schwandt (2006), esse tipo de pesquisa é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente. Podemos citar como exemplo a observação e análise de sentimentos, percepções, intenções e comportamentos.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Ainda de acordo com Malheiros: “a coleta de dados qualitativa é um processo que exige muito rigor do pesquisador, porque a observação do fenômeno estar certamente empregada pela história pessoal daquele que a observa” (2011, p.188).

Quanto ao procedimento, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo reunir as informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta, a partir do tema escolhido para realização da pesquisa. As informações podem ser coletadas de diferentes maneiras, em diferentes momentos e em diversas fontes.

A pesquisa bibliográfica, conforme Amaral (2007),

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

Quanto aos instrumentos utilizados para a realização da seguinte pesquisa, foram selecionados diário de anotações, levantamento bibliográfico e estado da arte.

3 ESTADO DA ARTE

Foi feita uma busca investigativa, em torno de pesquisas que apresentem proximidades com o assunto abordado no presente trabalho, as buscas foram realizadas no repositório Lume UFRGS. Inicialmente, os critérios de seleção foram pesquisas que realmente tivessem um viés inclusivo, que não remetesse a atividades específicas somente para alunos com TEA, mas que promovam a participação desse aluno com todos os colegas de sua turma. As pesquisas foram realizadas entre os anos de 2013 e 2022. As palavras-chave utilizadas foram: TEA, Metodologias Educacionais e Educação Inclusiva.

ANO	AUTOR	TÍTULO DA PESQUISA	TIPO DE PESQUISA
2013	Liliana Maria Passerino	Formação de professores em comunicação alternativa para crianças com TEA : contextos em ação.	Artigo
2018	Juliana Maia	Percepções dos docentes de Educação Física acerca da inclusão de alunos(as) com Transtorno do Espectro Autista na escola regular.	TCC
2018	Denise Krug Lippo	A contribuição dos vídeos digitais na aprendizagem de crianças autistas : perspectivas dos profissionais de Sala de Integração e Recursos da Rede Municipal de Porto Alegre.	TCC
2019	Lilian Eliana Priebe Paim	A tecnologia educacional e o transtorno do espectro autista (TEA) : possibilidades e desafios na alfabetização.	TCC
2019	Mirian Bassetti de Leon	O lúdico e a brincadeira nos anos iniciais do ensino fundamental de escola pública : algumas possibilidades para a inclusão e a aprendizagem de aluno com autismo.	TCC
2020	Kathleen Fraga Fialho	O brincar na educação infantil: saberes e práticas em processos inclusivos.	TCC
2021	Aline de Castro Delevati	A política nacional de educação especial na perspectiva da Educação inclusiva (2007-2018) : desafios para a constituição de Sistemas educacionais inclusivos no Brasil.	Tese
2022	Isabela Selau Pereira	Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas aulas de Ciências da Natureza.	TCC

Fonte: a própria autora.

Em 2013, a pesquisadora Liliana Maria Passerino desenvolveu uma pesquisa realizado sobre o Projeto de Pesquisa Scala – Sistema de Comunicação Alternativa para Letramento de crianças com Autismo, intitulada *Formação de professores em comunicação alternativa para crianças com TEA: contextos em ação*. O trabalho

aborda o início do projeto Scala em 2009, visando ao desenvolvimento de um sistema de comunicação alternativa que incluía não somente um programa de computador, mas uma metodologia de uso no intuito de apoiar o processo de desenvolvimento da linguagem de crianças com TEA que apresentassem déficits na comunicação oral.

A proposta do sistema não é ignorar os aspectos funcionais, mas considerá-los dentro do âmbito cultural no qual o indivíduo está inserido, visando preferencialmente, à sua ampliação. Dessa forma, o foco sempre é o sujeito em relação com seus diferentes contextos, num processo de mediação que vai da aprendizagem ao desenvolvimento humano (VYGOTSKY, 1988). A pesquisa concluiu que uma proposta centrada em contextos, a partir de ações mediadoras, potencializaram a apropriação dos professores da tecnologia assistiva e a compreensão das possibilidades de desenvolvimento dos sujeitos e da inclusão.

O trabalho tem proximidade com minha pesquisa, pois aborda um importante programa que auxilia no desenvolvimento da criança com diagnóstico de TEA, e a importância da formação continuada dos professores.

No ano de 2018, Juliana Maia desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso com o título *Percepções dos docentes de Educação Física acerca da inclusão de alunos(as) com Transtorno do Espectro Autista na escola regular*. Os objetivos do trabalho foram: Verificar as estratégias utilizadas pelos professores para promover o engajamento dos(as) alunos(as) com TEA nas aulas de Educação Física; Identificar de que forma os aspectos da comunicação e socialização, dos(as) alunos(as) com TEA, se manifestam nas aulas de educação física.

É importante que o professor observe as particularidades de seus alunos, com ou sem diagnóstico de TEA. Schliemann (2013) afirma, em estudo que tratou de estratégias para a inclusão esportiva de crianças com TEA: “Estratégias e técnicas de ensino devem, portanto, ser adaptadas e voltadas para as características individuais de cada aluno autista para garantir a sua participação em atividades físicas e esportivas de forma saudável e prazerosa. (SCHLIEMANN, 2013, p. 34). Ela conclui o trabalho colocando que o professores entrevistados, depois de entender cada um de seus estudantes individualmente, encontram elementos familiares (entre objetos, combinações e presença de auxiliares) em suas as aulas, e lançam mão de desafios para seus alunos.

O presente trabalho se encaixa parcialmente na proposta que procuro para meu TCC, pois segundo o relato de alguns professores, as crianças são colocadas junto

com seus professores enquanto os demais alunos praticam as atividades físicas. Alguns professores relatam sua busca pela real inclusão dos alunos com TEA. Esses relatos poderei aproveitar em meu trabalho, pois apresentam uma maneira alternativa de chegar à inclusão.

No ano de 2018, Denise Krug Lippo, desenvolveu seu TCC intitulado: *A contribuição dos vídeos digitais na aprendizagem de crianças autistas: perspectivas dos profissionais de Sala de Integração e Recursos da Rede Municipal de Porto Alegre*. Ela aborda o conceito de TEA, a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Segundo Barbosa, existem outros modelos para a educação de autistas, como musicoterapia, equoterapia, hidroterapia, reorganização neurológica, comunicação facilitada, comunicação por figuras, terapia ocupacional, terapia familiar (BARBOSA, 2009, p. 19). Dentro desses modelos, mostra-se imperativo o uso da comunicação clara e simples, de demonstração das tarefas a serem realizadas e a estimulação sensorial.

As pesquisas do uso das TICs na educação de crianças, e em especial crianças com TEA, demonstram que elas podem ser grandes aliadas dos recursos didáticos tradicionais. A popularização das novas mídias possibilita o acesso a uma enorme variedade de conteúdos e programas: aplicativos, jogos, redes sociais, plataformas de compartilhamento, músicas, imagens, vídeos. Os princípios da interatividade e da colaboração on-line transformam os sujeitos de passivos e meros expectadores a ativos e produtores do conhecimento.

O trabalho acima se aproxima com o que pretendo buscar para meu TCC, pois busca materiais alternativos para estimular o aprendizado dos alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

No ano de 2019, a pesquisadora Lilian Eliana Priebe Paim realizou seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo como título *A tecnologia educacional e o transtorno do espectro autista (TEA) : possibilidades e desafios na alfabetização*, tendo como objetivo geral Construir uma proposta de um plano de atividades usando a Tecnologia na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e objetivos específicos: identificar softwares e aplicativos desenvolvidos para auxiliar na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e descrever atividades usando a Tecnologia na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O trabalho aborda a importância da tecnologia no processo de aprendizagem dos alunos com TEA.

As crianças mostram grande interesse pela Tecnologia e é isso que o professor precisa enxergar como primeira vantagem, pois dessa forma, estando atraídos pelos recursos que a Tecnologia pode oferecer, ficarão mais motivados e o aprendizado ficará mais interativo e dinâmico. De acordo com Mello e Teixeira (2009):

Inclusão digital não significa o simples acesso ao computador ou à internet, tampouco a reprodução de cursos de cunho profissionalizante, mas, sim, na proposta de atividades que considerem os recursos das novas tecnologias como fomentadores de autonomia e protagonismo. Dessa forma, a inclusão digital aponta para uma dimensão que privilegia a forma de acesso, não somente o acesso em si, e que tem como base e finalidade a construção e a vivência de uma cultura de rede como elementos fundamentais para o exercício da cidadania na sociedade contemporânea. (MELLO e TEIXEIRA, 2009, p. 42).

O trabalho concluiu que foi possível observar que o primeiro passo para os professores é a busca por informações, pois o não conhecimento ou as informações equivocadas sobre o Transtorno do Espectro Autista que levam muitas vezes os professores a considerar e enxergar apenas as dificuldades e limitações destes alunos e por consequência concluir que eles não possuem condições de aprender e alfabetizar-se. O uso de recursos tecnológicos, como o computador, notebooks, tablets e celulares como recursos educacionais podem trazer muitos benefícios para os alunos TEA e os professores devem promover o seu uso em sala de aula.

O presente trabalho tem proximidade com minha pesquisa, pois aborda Metodologias de Ensino, para que haja a inclusão do aluno com diagnóstico de TEA dentro da sala de aula de uma escola regular.

No ano de 2019, Mirian Bassetti de Leon desenvolveu seu TCC com o título de *O lúdico e a brincadeira nos anos iniciais do ensino fundamental de escola pública: algumas possibilidades para a inclusão e a aprendizagem de aluno com autismo*. Ela mostra a importância do lúdico para o desenvolvimento do aluno com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e relata o desenvolvimento de seu aluno diagnosticado com TEA, com a utilização de atividades lúdicas.

Compreende-se que o brincar é importante, que está carregado de potentes e múltiplas possibilidades e instiga seus atores na comunicação multiforme, nas descobertas individuais e grupais, assessora a aprendizagem e é a própria aprendizagem, considerando que a aprendizagem de mundo é tão importante, como já mencionei antes, quanto as aprendizagens de conteúdos escolares. A brincadeira

acaba por proporcionar, não só às crianças, mas ao professor, um ambiente alegre de felicidade, onde os erros são vistos com empatia, sob uma ótica de esforço pelo acerto que se aproxima, onde há espaço para a individualidade e também para a parceria, e as conquistas são muito celebradas.

Esse trabalho se aproxima do que busco no meu trabalho de conclusão de curso, pois coloca o lúdico como atividade importante para o desenvolvimento do aluno com TEA.

No ano de 2020, tendo como título *O brincar na educação infantil: saberes e práticas em processos inclusivos*, a autora Kathleen Fraga Fialho, desenvolveu seu TCC. O objetivo foi entender se e como brincam as crianças com autismo e investigar as possibilidades do trabalho pedagógico na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Segundo Silva e Silva (2019), no livro *Como brincam as crianças com autismo*, a brincadeira de faz de conta está presente na vivência de toda criança, com ou sem deficiência. Relata o desenvolvimento de uma aluna chamada Luci, sua evolução e a importância do brincar nesse processo. A autora relata a importância de as crianças brincarem na areia, o trabalho realizado com um espelho para explorar seus reflexos, dentre outras atividades. Ela concluiu que as crianças com autismo podem, sim, brincar. O professor deve estimular a autonomia da criança, identificar os momentos adequados de intervir e de deixar a criança mais livre, respeitando suas habilidades e limitações, ou seja, quando a mesma tem capacidade para executá-las sem auxílio ou com auxílio moderado. Ela precisa, também, estar disponível afetivamente e efetivamente para brincar.

A pesquisa aproxima-se do que busco colocar com meu trabalho de conclusão, pois relata atividades realizadas de forma à criança com diagnóstico de TEA interagir com o meio em que está inserida.

No ano de 2021, a autora Aline de Castro Delevati defendeu sua tese intitulada: *A política nacional de educação especial na perspectiva da Educação inclusiva (2007-2018): desafios para a constituição de Sistemas educacionais inclusivos no Brasil*. O trabalho aborda as Políticas Educacionais na área da Educação Especial. Teve como objetivos: Investigar a participação e influência dos atores sociais implicados no processo de formulação das diretrizes educacionais relativas à educação especial, pontos de tensão, concepções e interesses envolvidos, assim como os efeitos destas disputas nas definições da agenda, na produção de novos textos e na implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva no

período analisado (2007 a 2018). O texto da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva define que:

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008a).

Na perspectiva da educação inclusiva, a Educação Especial deve estar contemplada na proposta pedagógica da escola que deve se organizar para acolher a diversidade em sala de aula, propondo um currículo aberto, apoios e serviços específicos para possibilitar a todos os alunos o acesso ao currículo escolar.

A tese acima descrita apresenta proximidade com meu trabalho, pois é importante ter conhecimento das leis que asseguram o direito das crianças com deficiência, para garantir que esses sejam cumpridos.

No ano de 2022, Isabela Selau Pereira realizou seu Trabalho de Conclusão de Curso, com o título *de Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas aulas de Ciências da Natureza*. O trabalho vê a importância do preparo do professor para que o aluno com TEA seja incluído na sala de aula das escolas regulares. De acordo com Farias (2008), no presente momento não precisaríamos e nem deveríamos mais discutir sobre a inclusão de indivíduos com deficiência, as escolas deveriam estar completas e proporcionar ensino de qualidade de forma que todos os alunos sejam incluídos. Ela aborda conceitos de TEA, e suas formas de manifestação.

O presente trabalho relata a importância da interação do aluno com TEA, ao meio em que ele está inserido. O trabalho condiz com o que pretendo colocar em minha pesquisa.

A realização do estudo da arte foi de suma importância para a realização do presente trabalho, pois reúne as conclusões de outras pesquisas realizadas sobre a inclusão na escola regular e metodologias educacionais para serem desenvolvidas com alunos com diagnóstico de TEA. Auxilia no estudo sobre o que já se tem descoberto sobre o assunto pesquisado, reunindo conclusões de estudos que foram realizadas sobre o assunto abordado.

4 REVISÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresento conceitos e autores que embasaram a pesquisa realizada. Será dividido nos subcapítulos: Educação Inclusiva, O Professor na Educação Inclusiva e o Transtorno do Espectro Autista e a Educação.

4.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.

A educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação, é uma forma de ensino que tem como principal finalidade garantir uma educação de qualidade para todos, onde alunos com ou sem deficiência possam conviver no mesmo ambiente, sem distinção, favorecendo assim a aproximação das crianças. Alguns teóricos de nosso país defendem uma educação inclusiva total, incondicional, para todos. Mantoan (1998, p. 3) propõe:

[...] uma verdadeira transformação da escola, de tal modo que o aluno tenha a oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o ritmo e suas condições de assimilação dos conteúdos curriculares.

A verdadeira transformação pela educação inclusiva se dará a partir do momento em que todos os alunos tenham as mesmas condições de aprendizagem. Materializar a inclusão no ensino regular é um grande desafio que envolve a sociedade, professores e gestores e órgãos públicos, todos juntos em busca de um bem comum.

Vygotsky (1989) centralizou seu trabalho nas possibilidades dos sujeitos, e não nos seus déficits ou limites, pois para o autor, a inteligência como função psicológica superior não é inata, mas se constrói nas trocas culturais constantes com as outras pessoas e o meio ambiente, tendo a escola um papel fundamental neste processo. Segundo o autor,

A tarefa da escola consiste em não se adaptar à deficiência, mas sim, em vencê-la. A criança com deficiência intelectual necessita mais que a normal, que a escola desenvolva nela os processos mentais, pois, entregue à sua própria sorte, ela não chega a dominá-los (VYGOTSKY, 1989, p. 119).

A Educação Inclusiva é importante para a socialização da criança com deficiência, onde seus conhecimentos motores, cognitivos, afetivos, são incentivados para que ela possa vir a desenvolver-se em seu convívio social. Deve-se respeitar o ritmo da criança, procurando estimular adequadamente o desenvolvimento de suas habilidades, considerando suas especificidades.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como propósito garantir a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, orientando os sistemas de ensino a fim de garantir:

- o acesso ao ensino regular,
- aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino;
- transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- oferta do atendimento educacional especializado;
- formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão;
- participação da família e da comunidade;
- acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação;
- e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, n.p).

Quando se trata especificamente de pessoas com TEA, temos a Lei Berenice Piana, como é conhecida a Lei nº 12.764, de 2012, que institui os direitos dos autistas e suas famílias em diversas esferas sociais. Por meio desta legislação, pessoas no espectro são consideradas pessoas com deficiência para todos os efeitos legais e, portanto, têm os mesmos direitos assegurados. Todos os direitos já garantidos anteriormente a pessoas com deficiência (como vagas e filas preferenciais, direitos na escola e em terapias) também passaram a ser assegurados a quem está no espectro do autismo. Além disso, a lei é federal, o que significa que ela é válida em todo território nacional.

Apesar de ser um avanço relacionado à aquisição dos direitos para que se atenda às demandas sociais dos autistas e suas famílias, em algum contexto se torna

um dispositivo legal de muito baixa efetividade. Por exemplo, os termos do inciso IV do Artigo 2º falam sobre o direito ao cuidador, onde diz que a pessoa com Transtorno do Espectro Autista tem o direito a acompanhante especializado, sendo que isso, na maioria das vezes, não se concretiza na real inclusão desse aluno na sala de aula regular, pois colocando um cuidador na companhia exclusiva do aluno com TEA acaba acarretando o afastamento dele do restante da turma, e o risco de um olhar discriminatório sobre sua necessidade de cuidado.

4.2 O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O professor tem papel fundamental na mediação entre seus alunos e o conhecimento. Sendo assim, cabe a ele proporcionar condições pedagógicas para que seus alunos com deficiência superem o senso comum e desenvolvam suas competências afetivas, sociais e intelectuais quebrando, assim, as barreiras que as necessidades impõem.

A atuação do professor na educação inclusiva é de suma importância, pois é ele que desenvolve os recursos, as metodologias e flexibilizações necessárias para que seus alunos tenham uma educação de qualidade. É nesse pensamento de estar aberto a conhecer o outro e suas limitações que Freire (2005) afirma que:

O ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos 'convivam' de tal maneira com os saberes que eles vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras (FREIRE, 2005, p. 58).

A educação inclusiva demanda um olhar diferenciado do professor para com seus alunos com deficiência, seja ela qual for. O professor deve entender que incluir vai muito mais além do que simplesmente aceitar o aluno com deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação em sua turma. Incluir significa:

[...] abranger, compreender, somar, e é nisso que deve se pensar quando o assunto é inclusão de pessoas com deficiência, é trazer para perto, dar a ela o direito de ter as mesmas experiências, é aceitar o diferente e também aprender com ele. É importante se discutir esse assunto, pois a inclusão é um direito garantido por lei a todas as pessoas com algum tipo de deficiência e incluir crianças deficientes mais do que cumprir a lei é permitir que ela se insira na sociedade que

mais tarde precisará conviver, é não a deixar alienada e despreparada para uma realidade que também é sua (BOZZO; FERREIRA, 2009, p. 3).

O professor deve planejar suas aulas para todos os seus alunos, de maneira que todos se sintam confortáveis e desfrutem das mesmas experiências, pensando sempre em atividades que possam ser realizadas pelo grupo, não apenas para o aluno com deficiência.

Muitas são as dificuldades encontradas pelo professor nesse processo de ensino-aprendizagem: a falta de formação, a falta de recursos etc. Segundo Guimarães e Ferreira:

A formação do pessoal envolvido com a educação é de fundamental importância, assim como a assistência às famílias; enfim, uma sustentação garantida aos que serão diretamente envolvidos pelas mudanças é condição necessária para que elas não sejam impostas, mas se imponham como resultado de uma consciência cada vez mais envolvida de educação e de desenvolvimento humano (GUIMARÃES & FERREIRA, 2003, p. 120).

É importante que o professor se sinta capaz de atuar com notoriedade com seus alunos com deficiência, mas é tão importante quanto, também, que a responsabilidade de promover a total inclusão desses alunos no sistema educacional regular não recaia somente no professor. Silva e Retondo (2008) citam Bueno (1999), dizendo que:

De um lado, os professores do ensino regular não possuem preparo mínimo para trabalhar com crianças que apresentem deficiências evidentes e, por outro, grande parte dos professores do ensino especial tem muito pouco a contribuir com o trabalho pedagógico desenvolvido no ensino regular, na medida em que têm calcado e construído sua competência nas dificuldades específicas do alunado que atendem (SILVA e RETONDO, 2008, p. 28).

Além de os professores ainda não estarem devidamente preparados para proporcionar aos alunos com deficiência uma educação de fato inclusiva, as instituições de ensino ainda não contam com recursos físicos e didáticos para atender com qualidade esses alunos.

O professor é o mediador entre o aluno e o conhecimento e cabe a ele promover situações pedagógicas em que os alunos com deficiência superem o senso comum e

avance em seu potencial humano afetivo, social e intelectual, quebrando as barreiras que se impõem. Cabe ao professor realizar seu trabalho voltado ao direito de equiparação de oportunidade a todos, que estabelece não haver um único modo de educar, mas de poder oferecer a cada indivíduo o que melhor atende às suas necessidades, frente às suas características, interesses e habilidades.

4.3. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A EDUCAÇÃO

Conhecido inicialmente como autismo, mas que atualmente engloba outros transtornos que apresentem traços comportamentais semelhantes ao autismo, como a Síndrome de Rett, por exemplo, o TEA consiste em um distúrbio de neurodesenvolvimento. Caracteriza-se por alterações significativas de comunicação e interação social, alterações no comportamento, que se manifesta principalmente pela repetição de movimentos, como balançar o corpo e maneirismo. alteração na reação a emoções, sensibilidade alta ou baixa são alguns exemplos. Segundo Rinaldo:

O TEA se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação, assim pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Tais características podem levar a um isolamento contínuo da criança e de sua família. Entretanto acredita-se que a escolarização pode proporcionar a essas crianças oportunidades de convivência com outras da mesma faixa etária, constituindo-se num espaço de aprendizagem e desenvolvimento (2016, p. 4).

A aprendizagem de sujeitos com TEA não pode ser definida a partir de um padrão de comportamentos e capacidades. Cada criança, jovem e adulto com TEA tem características próprias e que podem variar ao longo da vida, conforme as intervenções em seu desenvolvimento e apesar delas, podendo acontecer regressões em determinados momentos. Por isso, alerta Silva (2016, p. 23). “Todo o diagnóstico deve levar em conta mais de uma fonte de informação e o olhar sobre o sujeito nos diferentes espaços que frequenta”.

É necessário que o currículo escolar se adeque às necessidades dos alunos com TEA ou com qualquer outra deficiência, bem como os profissionais estejam preparados para atender esses alunos com qualidade. A inclusão dos alunos com TEA nas escolas regulares é necessária, no sentido de compartilhar saberes, se apropriar da cultura, além de despertar nos educandos atitudes de solidariedade, afinal tal

“acordar” começa na escola, onde a pessoa é orientada a trabalhar suas atitudes para a convivência em sociedade.

Quando falamos de alunos com TEA, estamos mencionando alunos que possuem desde pequenas dificuldades, como apenas manter a atenção por um curto espaço de tempo, até aqueles que necessitam de maior atenção, pois apresentam alteração em sua maneira de socializar. Sendo assim, é necessária uma formação continuada para que o professor esteja preparado para incluir todos os alunos, com ou sem TEA, na rotina e no convívio da sala de aula.

O que se observa é que uma criança com TEA passa por dificuldades extrínsecas a ela para ingressar na rede regular de ensino, devido ao desconhecimento de suas especificidades pelos professores, mas muito mais pelas barreiras atitudinais que lhes são impostas, como o preconceito, o estereótipo, o estigma — enfim, os mitos que são criados e disseminados com relação a essas crianças.

Diante do aumento nos números de matrículas no ensino regular de crianças que apresentam algum tipo de deficiência, se faz necessário o aumento de pesquisas e investimentos acerca deste tema. É importante que haja políticas públicas que pensem e apoiem a inclusão eficiente e coerente de quaisquer crianças, não importam suas condições ou especificidades, no sistema regular de educação.

Um ensino de qualidade provém de iniciativas que envolvam professores, gestores, especialistas, pais e alunos e outros profissionais que compõem a rede educacional, todos unidos em busca de um objetivo, que é proporcionar uma educação que realmente inclua, e garantir que sejam cumpridos os direitos que os alunos com deficiência têm estabelecidos por Lei.

A escola é um ambiente imprescindível para o bom desenvolvimento desses alunos, como cita Rubem Alves (2004):

Escolas que são gaiolas existem para que pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados tem sempre um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado, apenas encorajado (ALVES, 2004, p. 27).

As escolas nunca podem ser gaiolas. Devem, sim, encorajar seus pássaros a alçarem voo. Os alunos com deficiência têm o mesmo direito de voar. A formação, inicial e continuada dos professores é primordial para que esse voo aconteça, pois assim, eles estarão preparados para lidar com as mais diversas adversidades que possam vir a surgir durante o processo educacional.

Educar uma criança com TEA é um grande desafio, mas também um grande privilégio, pois segundo Bereohff “é uma experiência que leva o professor a rever e questionar suas ideias sobre desenvolvimento, educação normalidade e competência profissional” (1994, p.11). Levando em consideração que as pessoas com TEA têm um distúrbio no Sistema Nervoso que acomete algumas áreas, desse modo prejudica sua interação social e seu domínio de linguagem e comunicação, as práticas pedagógicas devem ser desenvolvidas respeitando essas deficiências, no mesmo tempo incentivando a superação.

5 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS DE ENSINO PARA O ALUNO COM TEA NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

As adversidades que crianças com TEA enfrentam decorrentes do isolamento social que muitas vezes lhes é imposto, e suas próprias alterações nos padrões de interação, constituem-se em desafios enfrentados pela escola, quando quer tornar esta criança participante e efetiva no desenvolvimento dentro do ambiente escolar. Respeitar os limites, desafiar e despertar o potencial dos alunos com TEA são maneiras de promover a interação e a socialização destes estudantes. É importante a utilização de metodologias de ensino na perspectiva inclusiva para que se tenha a real inserção do aluno com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista dentro da sala de aula comum. Segundo Figueiredo, é possível recorrer às teorias de análise de comportamento:

O objetivo principal dessa metodologia é ensinar comportamentos e habilidades aos indivíduos com dificuldades para que eles se tornem independentes e inseridos na comunidade. Para que isso seja possível, os profissionais utilizam técnicas para o desenvolvimento da comunicação, das habilidades sociais, de brincadeira, acadêmicas e de autocuidados (FIGUEIREDO, 2014, p. 48).

Nas salas de aula comuns, em meio à ampla diversidade de particularidades de alunos, a criança com TEA precisa ser inserida de forma a experimentar as mesmas metodologias que os demais colegas, devendo participar e encontrar espaço e visibilidade dentro da turma, de forma que não se pense em incluir este aluno somente, mas que se produza uma cultura inclusiva, formando sujeitos mais conscientes e abertos às diferenças. Como ressalta Rodriguez (2006), a escola inclusiva deve pensar em cada sujeito que faz parte do processo de educação, visando suas diferenças e necessidades.

A autora Maria da Luz dos Santos Oliveira (2016) sugere as seguintes estratégias que podem ser usadas com os alunos com TEA dentro da sala de aula: evitar contato físico forçado, reduzir ruídos na sala de aula, introduzir figuras para facilitar o entendimento das atividades, inserir a criança nas atividades de rotina da turma e explicar com clareza as atividades, regras da turma e acontecimentos, sem duplo sentido ou metáforas.

5.1 USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO DE ALUNOS COM TEA.

A utilização de recursos tecnológicos para o desenvolvimento dos alunos com diagnóstico de TEA proporciona e favorece a sua aprendizagem, pois envolve diferentes estilos de aprendizagem: visual, auditivo e sinestésico. A utilização de recursos tecnológicos nas escolas, como por exemplo, tablets, smartphones, notebooks, computadores, Datashow, vem crescendo a cada dia, inclusive sendo inserido no currículo escolar, proporcionando aos alunos uma inclusão no mundo da informatização, sendo que se aplicada de forma correta de acordo com aquilo que a tecnologia propõe, os benefícios seriam ainda maiores (BARROS, 2019). O uso de tecnologias digitais como recurso para a aprendizagem é um instrumento proveitoso para o desenvolvimento cognitivo e emocional destes alunos, pois se tornam um facilitador desse processo.

As tecnologias digitais são um recurso diversificado e enriquecedor que pode ser incorporado ao processo de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência, especialmente os com TEA, contribuindo no ganho de conhecimentos e o avançar em suas capacidades. O uso da tecnologia pode auxiliar a aprendizagem dessas crianças a desenvolver a linguagem social e habilidades de conversação, dessa forma auxiliando na interação social e no ambiente escolar, na organização da rotina, nos processos de raciocínio lógico e memorização de informações. A tecnologia é fundamental e motivadora, porém sozinha não é capaz de identificar e nem desenvolver habilidades. Por isso, é necessário a mediação de um profissional habilitado para que a criança não perca o foco durante as aulas no ambiente escolar (ALVES; MESQUITA; MACEDO, 2012).

O papel dos professores de sala de aula regular com alunos com TEA é fundamental no processo de adaptação das novas tecnologias e sua implementação nos currículos escolares. Nuria Aresti-Bartolomé e Begonya Garcia-Zapirain (2014), em sua pesquisa sobre as tecnologias como ferramentas no desenvolvimento de crianças autistas, evidenciam que estes recursos possibilitam evidenciar as competências da criança, mais do que suas dificuldades, pois permitem criar ambientes controlados, que reduzem a ansiedade das crianças e minimizam a necessidade de interação social.

5.1.1 Tecnologia Assistiva

Tecnologia Assistiva é o nome dado ao conjunto de instrumentos utilizados para auxiliar pessoas com deficiência com suas habilidades funcionais, tornando sua vida mais simples e independente, promovendo melhor qualidade de vida e inclusão social. As tecnologias assistivas agem de forma a ampliar a mobilidade, comunicação e habilidades de aprendizado. Segundo Silva (2012, p. 36), "pode ser definida como suporte, equipamentos, serviços, estratégias e práticas concebidas e aplicadas para minimizar as dificuldades a que as pessoas com deficiências estão sujeitas".

A utilização da Tecnologia Assistiva com alunos que possuem diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista pode ajudar em diversos campos, tais como: auxiliar no processo de alfabetização, estimular a fala, estimular a concentração, aguçar a integração social, proporcionar a expressão de emoções, favorecer o suporte visual dos alunos com TEA, prendendo a atenção dos mesmos.

Alguns exemplos do uso de Tecnologia Assistiva na área da Educação são: jogos e brincadeiras (games), computadores, tablets. Manzini (2005) ressalta que as ferramentas de tecnologia assistiva estão presentes em nosso cotidiano, e que algumas vezes nem percebemos:

Os recursos de tecnologia assistiva estão muito próximos do nosso dia-a-dia. Ora eles nos causam impacto devido à tecnologia que apresentam, ora passam quase despercebidos. Para exemplificar, podemos chamar de tecnologia assistiva uma bengala, utilizada por nossos avós para proporcionar conforto e segurança no momento de caminhar, bem como um aparelho de amplificação utilizado por uma pessoa com surdez moderada ou mesmo veículo adaptado para uma pessoa com deficiência (MANZINI, 2005, p. 82).

A Tecnologia Assistiva tem o propósito de auxiliar as pessoas com deficiência ou que possuem dificuldades para que consigam ter uma participação, nas escolas, dentro das salas de aulas regulares, de forma amplificada, ajudando também na vida funcional para conseguirem adquirir sua autonomia, seu desenvolvimento emocional e cognitivo e serem incluídos na sociedade, sendo assim, uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos alunos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

5.1.2 Comunicação Alternativa Aumentativa (CAA)

Dentre as várias formas que a comunicação pode assumir, existe a Comunicação Aumentativa Alternativa, que é um conjunto de ferramentas e estratégias que o indivíduo utiliza para resolver os desafios de comunicação do dia a dia. A CAA é um termo que é usado para descrever vários métodos de comunicação que podem ajudar as pessoas que são incapazes de usar o discurso verbal para se comunicar. Esses métodos podem beneficiar um amplo conjunto de indivíduos, desde aqueles que estão começando a se comunicar até indivíduos que faziam uso do discurso verbal complexo. O CAA pode ser aplicado para melhorar a comunicação em todos os aspectos da vida do aluno com TEA, desde as relações familiares até na escola e no trabalho.

Algumas pessoas precisam de recursos além do próprio corpo ou necessitam da mediação de outro indivíduo para se comunicar efetivamente. Um exemplo de CAA que não utiliza nenhum suporte é a linguagem de sinais. Alguns exemplos de Comunicação Assistiva Aumentativa com utilização de materiais de auxílio são: fotografias, computadores e placas com imagens. Muitos são os benefícios da utilização do CAA, na inclusão do aluno com TEA dentro da sala da escola regular, pois favorece o contato mais efetivo com pares e familiares, além de potencializar o ensino de outros comportamentos importantes para o seu desenvolvimento saudável.

A utilização CAA viabiliza, através das suas finalidades e potencialidades, a interação comunicativa no âmbito escolar, trazendo, por isso, situações compatíveis com a proposta inclusiva. Além disso, a CAA permite que os alunos com necessidades específicas e limitações comunicativas possam ter suas dificuldades minimizadas, para que garantam não só o acesso ao ambiente escolar, mas também a sua participação no processo ensino-aprendizagem (ÁVILA; PASSERINO; RODRIGUES, 2009).

O mais importante no trabalho com a CAA é permitir que a criança sinta-se incluída nas atividades escolares, pois mesmo que alguns alunos com TEA apresentem alterações no modo de se expressar, eles têm necessidades, pensamentos e urgências que, embora não sendo faladas, podem ser comunicadas.

5.2 O BRINCAR NA INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA

O brincar é um direito da criança e é reconhecido como um instrumento que desenvolve o processo de aprendizagem. Ao brincarem, os alunos, não estão explorando somente o ambiente que os rodeiam, como também estão ampliando uma série de áreas de desenvolvimentos como o físico, o afetivo, o mental e o social. É tarefa da escola, formar sujeitos críticos e criativos que produzam, inventem, descubram e sejam capazes de construir conhecimento.

Podemos então, através do lúdico, estimular a criatividade na criança com diagnóstico de TEA de forma prática e aceitável sem que haja prejuízo na estimulação desses alunos. De acordo com Brasil (2019, p. 37), “a interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças”. Sabe-se que toda crianças tem direitos, sendo assim dentre eles, a BNCC nos diz:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais. (BRASIL, 2019, p. 38).

É incumbência da escola e dos professores, proporcionar novidades lúdicas que possam facilitar a aprendizagem e desenvolvimento e a real inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista nas salas de aulas regulares. Porém, por se tratar de alunos com TEA, é necessário que esses profissionais se qualifiquem para que obtenham êxito na maneira de conduzir essas brincadeiras, pois cada aluno possui suas peculiaridades.

Os alunos com TEA demonstram uma maneira característica de brincar. Frequentemente, apresentam dificuldade em dar função correta ou variações aos brinquedos e perdem o interesse com facilidade pelas atividades, principalmente as que envolvem os pares. Porém, se estimulados da maneira adequada, podem aproveitar dos benefícios que o brincar proporciona.

5.2.1 Brincar e a Aquisição de Competências Sociais

Competência social é definida como um conjunto de comportamentos aprendidos no decorrer das interações sociais, especialmente nas interações com pares. Assim, o desenvolvimento da competência social, em uma perspectiva organizacional-relacional (WATERS & SROUFE, 1983), procura ressaltar a variedade de soluções adaptativas, empregadas em diferentes contextos e situações, que permitem à criança desenvolver-se socialmente. O foco são os recursos que a criança utiliza para lidar com esse desafio, não se tratando apenas de “aptidões”.

É importante ressaltar que o termo competência social não é sinônimo de habilidade social, embora sejam concepções profundamente relacionadas. A habilidade social relaciona-se ao desempenho do indivíduo como um todo frente às exigências de uma situação, e a competência social relaciona-se ao julgamento sobre a qualidade do desempenho individual em determinada circunstância.

Através dos jogos e brincadeiras, as crianças se preparam para a vida adulta, e sabemos o quanto é necessário ensinar e aprender a conviver, uns com os outros, na sociedade, pois as brincadeiras têm um grande poder educativo. O brincar ajuda no neurodesenvolvimento das crianças, pois estimula a interação, o desenvolvimento cognitivo e a consciência corporal. É muito importante estimular as crianças com autismo a brincar com seus colegas, de forma lúdica, sem forçá-las. E assim, estaremos preparando-as para a vida relacional.

6 CONCLUSÃO

A escolha do tema da seguinte pesquisa teve como motivação os anseios de uma futura professora para buscar conhecimento para incluir alunos com Transtorno do Espectro Autista na sala de aula comum, em escolas públicas ou particulares, tendo como espelho a realidade e dificuldades encontradas para uma real inclusão do filho de um primo que possui diagnóstico de TEA.

A pesquisa trouxe muito esclarecimento em relação ao assunto. Caíram por terra muitos mitos que estavam impregnados na minha cabeça. O principal mito que se desfez, para mim, foi que o aluno com diagnóstico de TEA vivia em seu “mundinho”, como tantas vezes eu reproduzi em minha fala. Eles apresentam, sim, alteração na interação social recíproca, como a gente interage comumente, mas isso não quer dizer que eles não queiram se relacionar com outras pessoas. Mas o mais importante, é que desenvolvi a consciência do papel fundamental do professor para inclusão do aluno com deficiência, e do cuidado que temos de ter para não nos tornarmos disseminadores de mitos no ambiente escolar que acabam sabotando a inclusão.

A realização desta pesquisa me tornou uma pessoa melhor, modificando meu pensamento como futura professora. São muitos os desafios encontrados por professores de alunos com TEA, como também são muitas as dificuldades encontradas por professores com os alunos “considerados normais”.

A verdadeira inclusão na escola regular tem como principal finalidade acolher e dar a possibilidade de todas as crianças acessarem, permanecerem, participarem e aprenderem, garantindo um direito, adquirido por lei, de uma educação de qualidade, sem discriminação, independente da classe social, da condição física ou psicológica.

Tenho grande esperança de que essa real inclusão possa acontecer. Para que isso ocorra, sei que existem muitos fatores, alguns dos quais não temos controle algum. Mas como professora, já adianta muito buscar o conhecimento e se propor a aplicá-lo dentro de sala de aula.

A educação inclusiva é umas das maiores vias para o desenvolvimento de uma criança com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **Gaiolas ou asas: a arte do voo ou a busca da alegria de aprender.** Porto: Edições Asa, 2004.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica.** Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.

Ávila, B., Passerino, L., Rodrigues, G. (2009). Tecnologias na inclusão: possibilidades da comunicação alternativa e aumentativa para alunos com necessidades educativas especiais. In: VI Congresso Internacional de Educação: Educação e Tecnologia: sujeitos (des)conectados? **Anais...**

BARROS, Jussara de. Brasil Escola Canal do Educador. **Educação e recursos tecnológicos.** Disponível em: . Acesso em: 13 ago. 2022.

BEREOHFF, Ana Maria P; LEPPPOS, Ana Lúcia; FREIRE, Helena Vasconcelos. **Considerações Técnicas sobre o atendimento psicopedagógico do aluno portador de condutas típicas da síndrome do autismo e de psicoses infanto-juvenis.** Brasília: ASTECA, 1994

BOZZO, F. E. F.; FERREIRA, M. M. **Educação Inclusiva: inclusão de crianças com Síndrome de Down no ciclo do ensino fundamental.** São Paulo: Lins, 2009.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.764/2012**, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 28 dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, DF: MEC, 2008a.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory).** Disponível em: . Acesso em: 30 nov. 2021.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; GUIMARÃES, Marly. **Educação Inclusiva.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p.39-78; 187-202.

MANZINI, E. J. Tecnologia Assistiva para a Educação: recursos pedagógicos adaptados. In: **Ensaio Pedagógico: construindo escolas inclusivas**. Brasília: SEESP/MEC, p. 82-86, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015.

MELLO, E. F. F.; TEIXEIRA, A. C. Um processo de inclusão digital na hipermodernidade. In: TEIXEIRA, A. Canabarro, MARCON, Karina (org.). **Inclusão digital: exp**

MESQUITA, Wanessa Santos; PEGORARO, Renata Fabiana. **Diagnóstico e tratamento do transtorno autístico em publicações brasileiras: revisão de literatura**. J Health Sci Inst., Goiânia, v. 31, n. 3, 2013.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **Formação docente e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: algumas reflexões**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa

ONTIVEROS, Eva. **Dia Mundial da Conscientização sobre o Autismo: diagnóstico na vida adulta 'explicou toda a minha vida'**. São Paulo: Bbc, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-56604535>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PAIVA, Junior. Preconceito x Informação. **Revista Autismo: Preconceito, um mal que só pode ser combatido com a informação**, [s.l], v. 2, n. 1, p. 16-17, abr. 2012. Semestral. Disponível em: <https://www.revistaautismo.com.br/RevistaAutismo002.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2022.

RETONDO, C. G.; SILVA, G.M. Resinificando a formação de professores de química para a educação especial e inclusiva: uma história de parcerias. **Química Nova na Escola**, n. 30, 2008. Disponível em: <http://qnesc.s bq.org.br/online/qnesc30/06-RSA-5908.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. **Processos Educacionais de Crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação: interconexões entre contextos**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2016.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

SILVA, Karla Fernanda Wunder da. Tramas de um nome - Transtorno do Espectro Autista - desvelando aspectos sobre o sujeito e suas características. **Tessituras do**

fazer pedagógico junto a alunos com transtorno do espectro autista, 2016. p. 17-30.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. **Obras completas**: fundamentos de defectologia. Cuba; Havana, Pueblo e Educacion, 1989, v. 5.

Waters, E., & Sroufe, L. A. (1983). **Social competence as a developmental construct**. *Developmental Review*, 379-97